

DA SENSIBILIDADE MORAL EM DAVID HUME: O PAPEL DAS PAIXÕES NA FUNDAMENTAÇÃO MORAL

ANTONIO ADILSON VENÂNCIO¹; ROBINSON DOS SANTOS²

¹Universidade Federal de Pelotas- adilsonvenancio@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – robinso_dos_santos@hotmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho procura analisar o papel das paixões na fundamentação da moral em David Hume, especialmente, na obra “Tratado da Natureza Humana”, os Livros II e III. Evidenciar-se-á o caráter prático e a influência da paixão no que tange a motivação e o impulso para a ação, conciliando-se com a razão, uma vez que esta tem a função de deliberar sobre o verdadeiro e o falso. Com isso, o fim último é dado pela paixão a qual se aproxima da moral pelo sentido útil e benevolente da ação.

2. MATERIAL E MÉTODOS

Pretende-se desenvolver uma análise da obra de David Hume, sobretudo o Livro II (LII; iii; 3; 4) e o Livro III (LIII; i; 1; 6) do Tratado da natureza Humana. Fazer menção ao apêndice “Sobre o sentimento moral” na obra Investigação sobre o entendimento humano e sobre os princípios da moral.

A partir dessas obras afirmar-se-á a importância das paixões na fundamentação moral em David Hume, apoiando-se em comentadores que tratam dessa problemática, bem como, elucidar a relação *paixões e razão* e como elas se vinculam na ação e deliberação moral.

3. RESULTADOS E DISCUSSÕES

A questão sobre a pertinência das paixões para a moral humeana se justifica, juntamente, na problemática referente ao embate na tradição filosófica entre paixão e razão. Nota-se que na tradição há, claramente, uma primazia da razão sobre as paixões e a estas compete apenas ser “desprezada e subjugada”.

Hume rejeita a razão como princípio da moral e nesse caso as inferências causais, confrontando-se diretamente com os racionalistas. A razão é indiferente em relação aos valores da vida e sua influência ocorre de maneira indireta, seja inferindo juízos de valores, seja orientando as paixões, sem, contudo, fixar o bem e o mal, pois estes competem às paixões, ao senso moral.

Com isso, Hume elabora uma investigação desde o sentido interno até fatos e relações interpessoais. A justificativa do tema se encontra na própria perspectiva do autor que ousa questionar a tradição sem, contudo, abster-se dos mais importantes temas filosóficos. No entanto, o que se procura mostrar aqui não é a exclusão da razão ou um pensamento anti-racionalista. No decorrer de sua obra, Hume elucidava seu ponto de partida ao afirmar que a razão sozinha não é motivo para a ação nem uma oposição, necessariamente, as paixões.

Para Hume as paixões e a razão são conceitos bem distintos que exigem investigação, justamente pela importância que ambas exercem para a compreensão moral. Não é possível pensar um sujeito que não pondere as

relações pautadas nos princípios da paixão e da razão. Nota-se, dessa forma, a complexidade da relação entre razão, paixão e moral. E, conseqüentemente, isso não pode ser compreendido sem a análise de um todo. Os sentimentos são fundamentais para compreensão da moral, pois são características humanas universais a toda cultura. É ilícita à natureza humana a compreensão que põe o sentimento como impulso apenas ao “ser domesticável”. O dogmatismo da razão, da política, da religião, da filosofia ou o isolamento do sujeito racional diminui a possibilidade de uma compreensão ampla da moral no sentido de equilibrar potências. Assim ao perceber a falsidade de uma proposição as paixões cedem a razão sem oposição.

Com efeito, percebe-se que David Hume tem uma postura ponderada no que diz respeito ao uso da razão, denotando a importância na deliberação e na orientação do impulso da paixão. E, com isso, concilia sentimento e razão e comenta sobre a postura tomada pelos “racionalistas e a - racionais”, onde se vê isoladamente os critérios da razão e do sentimento. Para o autor é essa relação de sentimento e razão que faz da moral um estudo prático com a tendência de regular a vida e as ações. Desse modo, Hume não apenas coloca o sentimento moral como origem e fundamento da ação como também coloca a razão com papel secundário em relação ao ato moral, sem com isso descartá-la.

O objetivo final da obra, “O Tratado da Natureza Humana”, é o aspecto da moral e este, sem dúvida, não é possível ser compreendido sem levar em conta a perspectiva do autor frente as concepções de paixão e razão. A paixão é, em especial, o motivo que impulsiona a ação. Não se delibera sobre determinado fim porque o fim é o sentido, mas sim sobre os meios, sobre o que traz prazer e é virtuoso. Pode-se dizer que David Hume não se preocupa com questões de normatividade no sentido estrito de princípios, de dever, de fundamentação, de obrigação, de responsabilidade, mas sim, com questões de fato. Desse modo, o autor conduz as questões morais das práticas do dia-a-dia a ideias simples e gerais, onde o que causa prazer é bom e o que causa dor é vicioso. E, com isso, estrutura as paixões em uma relação complexa a partir das impressões.

O ser humano em David Hume é “um feixe de sensações”. Através das percepções da mente é possível ter as impressões advindas pelo sentido, as quais serão reproduzidas por ideias, hábitos, costumes, ou seja, o que está na mente tem uma origem nos sentidos. Isso significa que as experiências são fundamentais para a definição do modo de agir e interagir com o meio, não como algo inato, mas advindo das intuições do sentido, pelas impressões. O ser humano naturalmente tende a buscar e associar o prazer ao bom e a dor ao vicioso e, por sua vez, ter desejo e aversão por um e outro. Aqui, mais uma vez, nota-se que o agir não é movido pela obrigação, mas porque “sensível” distingue o que é vício e o que é virtude, sendo a normatividade condicionada pela reflexão complexa da sensibilidade moral. Dessa forma, a motivação é sustentada pelos sentimentos, pelas paixões que são conteúdos concretos da vida moral e não por representação, motivação transcendental, obrigatória por força da lei ou de uma vontade suprema, divina ou externa a natureza humana.

As pessoas naturalmente procuram o que é bom por um impulso benevolente, ou seja, buscas prudenciais movidas por uma consciência moral que equilibra os conflitos entre o autointeresse e a benevolência, sentir prazer com o bem alheio. Com isso, fortalece uma relação de simpatia a qual está no princípio do senso moral. Esse mecanismo de simpatia que possibilita aproximar sentimento nas relações pessoais se torna fundamental para expandir a

compreensão das paixões. Desse modo, se partilha as experiências e a maneira como o ser humano se vê em relação ao seu semelhante e se identifica.

Nesse aspecto, o autor evidencia haver uma grande semelhança nos sentimentos humanos. Mesmo em diferentes graus todos são afetados uns pelos outros. Contudo, também há simpatia com o que se admira e com o que se assemelha. O louvor dessa relação, conseqüentemente, consiste na utilidade que tem para a sociedade. Dessa forma, o sentimento se manifesta nas diferentes relações com o meio e, a razão, justifica e distingue as ações úteis e benéficas para a humanidade.

Assim, deve-se admitir que os limites da paixão e da razão consistem justamente na interdependência necessária de ambas para a melhor elucidação da moral. Desse modo, o papel das paixões é indispensável para a fundamentação da moral, uma vez que ela se encontra de imediato enraizada na sensibilidade moral como impulso gerador de toda ação. Com isso, completa, justamente, a necessidade da razão a qual tem como característica central justificar, elucidar e orientar os interesses naturais da paixão. A sensibilidade moral atinge seu auge na confirmação da paixão como impulso originário de toda ação e seu respectivo interesse benevolente o que, conseqüentemente, falta para a razão. Em suma, a paixão e a moral estão vinculadas pelo caráter ativo, bem como, a moral compreendida como prática e social.

4. CONCLUSÕES

Contudo, percebe-se que a relevância das paixões em David Hume perpassa toda sua perspectiva moral e reafirma a sensibilidade humana, seus afetos e suas relações. A razão em si é desinteressada e possui um princípio inativo. Hume concilia o sentimento e a razão, pois o fim último e o sentido da ação é a paixão, a razão é o meio pelo qual se delibera entre verdade e falsidade, identificando a utilidade das ações. A sensibilidade moral atinge seu auge na confirmação da paixão como impulso originário de toda ação e seu respectivo interesse benevolente o que, conseqüentemente, falta para a razão. Assim, a paixão e a moral estão vinculadas pelo caráter ativo, bem como, a moral compreendida como prática e social.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- HUME, David. **Investigação Sobre o Entendimento Humano e Sobre os Princípios da Moral**. Tradução: Jose Osmar de Almeida Marques – São Paulo: Editora UNESP, 2004.
- _____, _____. **Tratado da Natureza Humana: uma tentativa de introduzir o método experimental de raciocínio nos assuntos morais**. Tradução: Debora Danowski – 2º ed. rev. e ampliada. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- _____, _____. **Vida e Obra**. Coleção os Pensadores. São Paulo: Nova
- BRITO, Adriano Neves de. **Da Validade de Juízos Morais: Uma Abordagem Empirista**. In.: Ensaio Sobre Hume / Livia Guimarães, organizadora – Belo Horizonte: Editora Segrac, 2005. p. 171 – 185.
- KLAUDAT, Andre. **Hume e a Determinação da Mente**. In.: Ensaio Sobre Hume / Livia Guimarães, organizadora – Belo Horizonte: Editora Segrac, 2005. p. 187 – 203.
- RAWLS, John. **História da Filosofia Moral**. Trad.: Ana Aguiar Contrim. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 3 – 117.
- VELASCO, Marina. Hume, as paixões e a motivação. **Analytica**, Rio de Janeiro, Vol. 6, n. 2, p. 33-60, 2001-2002.
- BAIER, Annette C. **A progress of sentiments**. Reflections on Hume's Treatise. Harvard: Harvard University Press, 1994.
- KEMP-SMITH, Norman. **The Philosophy of David Hume**. With a new introduction by Don Garret. New York: Palgrave Macmillan, 2005.
- WRIGHT, John P. **Hume's A Treatise of Human Nature: an introduction**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009.